
EXPRESSÕES CRISTALIZADAS: TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE*

Oto Araújo Vale**

RESUMO

Pretende-se no presente trabalho estudar os graus de transparência ou opacidade das expressões cristalizadas do português do Brasil. Este estudo é feito levando em conta os processos gramaticais ou cognitivos envolvidos na construção dessas expressões.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões cristalizadas, cognição.

O problema central do presente trabalho consiste em caracterizar as expressões cristalizadas¹ segundo a sua transparência e/ou opacidade. Pretendemos demonstrar que, se observarmos um certo número dessas expressões, podemos caracterizá-las segundo um *continuum* que vai de uma metáfora relativamente transparente até a cristalização totalmente opaca. Ao estudar esse fenômeno, procuraremos caracterizar os tipos de processos envolvidos, fazendo um breve paralelo com o fenômeno da gramaticalização, procurando notar a existência de processos comuns. Em seguida examinaremos os conceitos de transparência e opacidade tanto sob o ponto de vista da proximidade do significado da expressão em relação ao significado dos elementos que a compõem, quanto dos processos cognitivos envolvidos nas construções dessas expressões.

As expressões cristalizadas foram consideradas como exceções no âmbito de estudos sintáticos, ou como curiosidades verbais nos estudos semânticos. No entanto, essas expressões são um problema de peso

* Uma versão resumida deste trabalho foi apresentada como comunicação no II Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa, realizado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás em novembro de 1999.

** Professor Assistente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Doutorando em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP-Campus de Araraquara. E-mail: oto@letras.ufg.br

quando olhadas com mais vagar. Biderman (1978, p. 130-138) já levanta o problema do lugar em que essas expressões devem aparecer no dicionário e do tipo de tratamento que elas devem ter por parte dos lexicógrafos.

No aspecto sintático formal, as expressões cristalizadas são frases aparentemente normais, semelhantes às frases não cristalizadas, com raras diferenças formais (GROSS, 1982, 1988). No aspecto semântico-cognitivo, elas são, em geral, imediatamente interpretadas pelos falantes com seu significado, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem. Este fato apresenta um problema interessante, no aspecto cognitivo: como os falantes identificam e interpretam essas expressões? Veremos mais adiante como isso ocorreria.

A definição clássica de expressão cristalizada consiste no fato de seu significado não poder ser calculado a partir de seus componentes (GROSS, 1982). De fato isso ocorre com bom número dessas expressões. Por exemplo, na ocorrência

- (1) Tocar as partituras célebres é *chover no molhado*. O desafio deixado por Pixinguinha está na pesquisa de seus raros e inéditos. (FSP, 07/10/1997)²

não há como interpretar a frase como tendo relação com chuva ou com umidade. Ou seja, a seqüência “chover no molhado” não pode ser interpretada com base em seus componentes. No aspecto formal, não podemos modificar essa seqüência com sinônimos (por exemplo chover no úmido).

Estamos diante de algo que nos faz lembrar a gramaticalização. Se comparamos a gramaticalização com as expressões cristalizadas, notamos que ambos os fenômenos têm em comum o fato de que existe um esvaziamento de significado de seus elementos. De fato, na construção das expressões cristalizadas pode-se dizer que a maioria esmagadora dos casos parte de uma metáfora. Essas metáforas geralmente usam elementos concretos para exprimir conceitos abstratos.

Ora, de acordo com Neves (1997, p. 131-142), esse é justamente um dos fatores determinantes da gramaticalização. No entanto, mesmo que estabeleçamos um paralelo entre as expressões cristalizadas e a gramaticalização, devemos notar que suas semelhanças não vão, pelo

menos numa primeira análise, além dos pontos já citados. As expressões cristalizadas conservam, em geral, uma carga de significado bastante grande para poderem ser consideradas como elementos gramaticais. Se seus elementos sofrem um esvaziamento de significado individualmente, isso se dá para que se crie um outro significado que tem como significante o conjunto cristalizado desses elementos. Além disso, podemos notar que as expressões cristalizadas possuem diferentes graus de cristalização e, o que nos interessa aqui, de transparência e opacidade.

Vejamos as ocorrências seguintes:

- (2) A partida ficou mais fácil para o Palmeiras com a expulsão do goleiro Ivan, aos 28min. Ele já havia levado cartão amarelo por chutar a bola fora para ser atendido, após choque com Viola na área. (FSP, 20/03/1997)
- (3) Mais uma vez o nosso ministro Serjão *chutou a bola fora*, agora com relação ao aumento das tarifas telefônicas. (FSP, 16/04/1997)
- (4) Um passo em falso, um bispo ofendido e d. Lucas Moreira Neves *chutou o pau da barraca*, colocando-se ao lado do seu irmão que defendia os sem-terra. (FSP, 16/04/1997)

Nelas notamos que a seqüência “chutou a bola fora” é interpretável em (2) apenas literalmente, ou seja, o jogador golpeou a bola com o pé atirando-a fora do campo. Na ocorrência (3) essa interpretação não é possível: “chutar a bola fora” equivale a cometer um erro, um equívoco. Essa interpretação será a preferencial em todo texto que não estiver falando especificamente de uma partida de um esporte que se jogue com bola. Nossa questão aqui se coloca da seguinte maneira: “chutar a bola fora” da ocorrência (3) pode ser considerada como uma expressão mais transparente do que “chutar o pau da barraca” em (4)? Para respondê-la, devemos examinar antes de mais nada os conceitos de transparência e opacidade.

De fato, temos expressões mais transparentes e outras mais opacas. As expressões que Xatara (1994) chama de “matriz comparativa” podem ser consideradas como transparentes. Vejamos:

- (a) Raul *é forte como um touro*
- (b) Ana *é surda que nem uma porta*
- (c) José *é mais chato que gilete no asfalto*
- (d) Valdir *é tão idiota quanto uma mula*

Estas expressões nada mais fazem que reforçar o adjetivo que está em seu núcleo. Por outro lado, temos também expressões de matriz comparativa construídas a partir de verbos:

- (e) Renato *come como um passarinho*
- (f) Márcio *ronca como um porco*

Estas também nada mais fazem do que modificar o verbo em seu núcleo. Assim, parece-nos possível criar expressões desse tipo muito mais facilmente que expressões como “chover no molhado” ou “chutar o pau da barraca”. Podemos, por exemplo, criar aqui uma expressão:

- (g) A ficha de Raul *é suja como a de um deputado acreano*

Pelo menos no momento – segundo semestre de 1999 –, ela pode ser relativamente bem compreendida pelos falantes do português do Brasil que estejam informados a respeito do noticiário político. A definição de transparência, então, pode assim ser compreendida como uma proximidade maior do cálculo do significado total da expressão por seus componentes. Ora, se notamos que algumas expressões podem ser mais facilmente calculadas a partir de seus componentes que outras, estamos em uma situação na qual não temos limites bem definidos sobre o que seja uma expressão cristalizada, isto é, a definição de expressão cristalizada se aproximaria mais de uma definição prototípica (TAYLOR, 1989) do que de uma definição com componentes necessários e suficientes. De fato, quando vamos olhar com mais vagar as expressões, encontramos fenômenos um tanto quanto distintos. Examinemos as seguintes ocorrências de expressões cristalizadas construídas com o verbo lavar:

- (5) Na reunião com vice-líderes do PMDB, Michel Temer *lavou as mãos* em relação ao futuro da emenda da reeleição: “Meu

compromisso é votar na comissão. Isso devo ao governo. Depois, não é mais problema meu”. (FSP, 15/01/1997)

- (6) Severino Cavalcanti (PPB-PE) *lavou a alma* da oposição. Ganhou a 2ª vice-presidência do governista Pauderney Avelino (PPB-AM) por 323 a 133. (FSP, 06/02/97)
- (7) Faustão *lavou a égua* no Ibope, anteontem. Bateu o SBT por 28 a 6. (FSP, 30/09/97)

A escolha dessas expressões se dá porque parece-nos intuitivamente que a expressão “lavar a alma” é mais transparente que “lavar a égua”, e pelo fato de a expressão “lavar as mãos” poder ser considerada antiga o bastante para poder ser lexicalizada. Com efeito, “lavar as mãos” é uma expressão que a cultura ocidental conhece, pelo menos, desde os primórdios do cristianismo. Mas como determinar a maior transparência da ocorrência (6)? Para determinar essa gradação transparência/opacidade, devemos fazer apelo à teoria valencial. De fato, notamos que (6) guarda ainda um traço semântico de certos empregos do verbo lavar. “Com complemento expresso por nome abstrato, significa *tornar puro, expurgar, purificar* [...]” (BORBA et al., 1990). O fenômeno que nos interessa na comparação é o fato de que ele sempre vem acompanhado de um complemento humano. Ou seja, a expressão “lavar a alma” tem necessariamente dois argumentos: um sujeito “agente/causativo” e um complemento “paciente humano”. O mesmo não acontece nem com “lavar as mãos” nem com “lavar a égua”. Vejamos:

(h) Ana lavou as mãos de Carlos.

(i) Rui lavou a égua de Marcos.

Estas frases tenderiam a ter como interpretação preferencial o sentido literal, ou seja, “limpar banhando, retirar as impurezas com água” de objetos concretos – nos casos mãos e égua. Assim, podemos estabelecer que aquilo que aparecia intuitivamente como uma maior transparência da expressão pode ser expresso por critérios sintático-semânticos mais explícitos, tais como a valência ou um complemento concreto ou abstrato. No entanto, é ainda necessário notar que o traço semântico de limpeza ou purificação aparece, de alguma maneira, nas três expressões, que guardariam assim algum tipo de ligação com o verbo lavar. Mas este não parece ser o caso na seguinte ocorrência:

- (8) Essa é uma situação injusta para nós. Os clubes faturam um bom dinheiro vendendo os jogadores que já passaram para a seleção para o exterior. *Uma mão lava a outra*, disse Zagallo. (FSP, 01/05/1997)

Ou seja, a expressão “uma mão lava a outra” seria ainda mais opaca que “lavar a égua” por não conter nenhum elemento, ou traço semântico, que a aproximasse do verbo lavar. No presente caso, é interessante notar que essa expressão é uma frase feita, ou seja, todos os seus elementos são cristalizados, o que poderia explicar ainda mais sua opacidade.

Até agora nos concentramos na transparência das expressões tentando estabelecer uma ligação de seu significado com os significados de seus componentes (em especial do verbo que estaria em seu núcleo). O caminho inverso foi feito por Lakoff (1986) ao partir de expressões com significados semelhantes para estudar a construção que lhes dá origem.

De fato, Lakoff (1986, p. 380-415) faz um interessante estudo sobre expressões que em inglês americano denotam raiva. Ele estabelece uma tipologia, classificando as expressões segundo um certo número de metáforas e metonímias mais ou menos recorrentes. Assim, inicia sua análise a partir de uma teoria popular (*folk theory*) que partiria da metonímia dos efeitos que a raiva exerce sobre o corpo humano. Deste modo, a raiva é metaforizada como calor, fluido, fogo ou líquido inflamável. Ele trata também de outras metáforas que comparariam a raiva com insanidade ou um oponente em uma luta ou ainda um animal perigoso. Em todas essas metáforas, Lakoff (1986, p. 381-382) identifica um roteiro de construção das metonímias e metáforas. Demonstra a seguir que essas metáforas e metonímias convergem para um modelo que seguiria um roteiro prototípico dos seguintes estágios (numa versão bastante resumida):

- 1) o sujeito sofre um ato agressivo (*offending event*) injustificado;
- 2) o sujeito experimenta uma série de efeitos fisiológicos em diferentes graus decorrentes da raiva;
- 3) o sujeito tenta manter o controle;
- 4) o sujeito perde o controle;
- 5) o sujeito revida contra quem o provocou.

Esse esquema prototípico pode ser aplicado ao português com expressões que também denotem raiva, ou seja, expressões como:

- (j) Ana *explodiu de raiva*
- (k) Paulo *rodou a baiana* na reunião
- (l) Marcos *perdeu a paciência* com as brincadeiras de Rui
- (m) Raul *perdeu as estribeiras*
- (n) Maria *tem o pavio curto*

Todas parecem seguir o mesmo esquema explicitado acima. Esse esquema poderia dar uma pista sobre a origem dessas expressões, origem aqui entendida não como etimologia, mas como o percurso cognitivo que os falantes utilizariam tanto para produzir tais expressões quanto para decodificá-las. Dentro desse esquema, poderíamos dizer que “perder a paciência”, “explodir de raiva” e “ter o pavio curto” seriam mais transparentes que “perder as estribeiras” ou “rodar a baiana”, pois seriam metáforas cuja origem seria mais facilmente determinada, ou seja, poderiam ser enquadradas dentro daquilo que Lakoff (1986, p. 381-382) chama de “teoria popular” para os efeitos que a raiva exerce sobre o corpo humano. É interessante notar aqui que, no caso de “perder a paciência” e “perder as estribeiras”, temos expressões com significados semelhantes com o mesmo verbo-núcleo e que, mesmo assim, uma delas seria mais transparente que outra.

Assim, o conceito de transparência a que tínhamos aludido acima poderia ser alargado, ou seja, esse conceito não poderá ser apenas a relação que os significados individuais dos elementos da expressão guardam com a expressão inteira, mas também deverá haver uma relação entre o significado da expressão e o percurso cognitivo que o falante deve percorrer para chegar a seu significado.

Restaria ainda investigar, mesmo que rapidamente, a determinação dos significados de expressões totalmente opacas. De alguma maneira, sabemos que as expressões partem de uma metáfora. Uma expressão como “chutar o pau da barraca” ou ainda “matar a cobra e mostrar o pau” são expressões que partem de metáforas e são compreendidas como tal pelos falantes. O problema aqui continuaria a ser a razão de sua cristalização. Ou seja, se substituirmos algum de seus elementos por palavras de significado equivalente, o significado total da expressão se

perde: dar um pontapé no pau da barraca, chutar o pau da tenda, matar a serpente e mostrar o pau não são imediatamente compreendidas como as expressões acima. No entanto, como observa Salomão (1997), desvios dessas expressões podem ser interpretados sem dificuldades: assim, “chupar o balde” é muitas vezes interpretado da mesma maneira que “chutar o balde” ou ainda “assustar um cheque” por “sustar um cheque”. Pode-se pensar assim que essas expressões formam uma espécie de *frame* que os falantes identificam assim que uma seqüência desviante aparece num texto. Nos casos citados, uma ligeira variação fonética da expressão não seria tão marcante quanto a substituição de um de seus elementos.

Assim, o que parece mais desafiador no estudo das expressões cristalizadas é o fato de sua abordagem não poder ficar restrita a apenas um aspecto da língua. A simples abordagem de seu aspecto sintático não consegue explicar que variações fonéticas como as citadas por Salomão (1997) sejam interpretáveis. A transparência ou a opacidade de uma determinada expressão não podem ser compreendidas apenas pela proximidade de seu significado total com os significados dos elementos que a compõem, mas também pelo percurso cognitivo do falante/ouvinte. Esse percurso cognitivo, por sua vez, não consegue dar conta do fato de que a substituição de um dos elementos por outro equivalente faça com que a expressão perca seu significado cristalizado, ou seja, que o significado de uma expressão é determinado pelo uso que os falantes fazem dela. Um estudo dessas expressões que as coloque em paralelo com a gramaticalização parece ser um caminho também interessante. A expressão “lavar as mãos”, como já dissemos, é bastante antiga, mas guarda até hoje seu significado original. De qualquer maneira, uma abordagem funcional das expressões cristalizadas parece apontar para um estudo que possa abranger todos esses aspectos para explicar como são produzidas e compreendidas essas expressões e o uso que os falantes fazem delas, uma vez que a análise funcional prevê o estudo de componentes integrados (NEVES, 1997, p. 23-26), em que os componentes sintáticos e semânticos só podem ter um desenvolvimento satisfatório dentro da pragmática.

ABSTRACT

The aim of this paper is to study the degrees of transparency or opacity on frozen expressions in Brazilian Portuguese. The study investigates the cognitive or grammatical processes used in frozen construction.

KEY WORDS: Frozen expressions, cognition.

NOTAS

1. Não fazemos no presente trabalho nenhuma diferença entre expressões idiomáticas e cristalizadas. Com efeito, poderíamos ter uma diferenciação entre expressões idiomáticas – ou seja, pertencentes a um determinado idioma (por exemplo “quebrar um galho”, “terminar em pizza”) – e as expressões cristalizadas que podem ser encontradas em diversas línguas (por exemplo “lavar as mãos”, “pegar o touro pelos chifres”). Embora este possa ser um ponto importante no estudo dessas expressões – basta pensar no que isso significa quando do estudo de uma língua estrangeira –, não nos ocuparemos dele aqui.
2. Os exemplos selecionados são constituídos, em sua maioria, por ocorrências encontradas nas edições da *Folha de São Paulo*, de 1997. Nas ocorrências e nos exemplos construídos, a expressão cristalizada virá sempre sublinhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística* (Lingüística Quantitativa e Computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BORBA, F. A. S. (Org.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

GROSS, M. Une classification des phrases “figées” du français. *Revue Québécoise de Linguistique*, Montréal: UQAM, v. 11, n. 2, p. 151-185, 1982.

_____. Les limites de la phrase figée. *Langages* 90. Paris: Larousse, 1988. p. 7-22.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALOMÃO, M. Comunicação apresentada na mesa-redonda *Funcionalismo e cognitivismo*. In: ENCONTRO DE FUNCIONALISTAS 2, Araraquara, maio 1997.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon, 1989.

XATARA, C. M. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara, 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.